

O Recente Sucesso da Dobradinha "Feijão com Arroz"

Alberto Duque Portugal(1)

Os dois alimentos mais tradicionais da cozinha brasileira, o arroz e o feijão, já foram acusados de "relutantes retardatários" no processo de modernização da agricultura brasileira. Com exceção do arroz irrigado do Sul, esses produtos, cultivados em grande parte por pequenos produtores, significavam baixa eficiência produtiva e produtividade. Aumentos de produção ocorriam via expansão de área cultivada.

Os culpados desta realidade? Bom, para alguns tratava-se de produtos típicos com taxas de crescimento do consumo bem abaixo da elevação da renda da população. Na linguagem dos economistas são produtos com baixa elasticidade-renda. Para outros, a culpa era da pesquisa agropecuária que não contemplava a famosa dobradinha "arroz-feijão" com a mesma prioridade que outras culturas, principalmente de exportação (por exemplo, a soja). Além disso, argumentava-se que a política agrícola do Governo era discriminatória em relação a esses dois produtos.

Nos últimos dez anos, essa realidade mudou. O feijão e o arroz passaram a acompanhar a tendência já observada para outros grãos; elevação significativa da produtividade com diminuição de área. Esse fato retrata incorporação de tecnologia através de sementes melhoradas, adubação adequada e práticas culturais condizentes. Para exemplificar, de 1985 em diante, foram lançadas no mercado pelo Sistema de Pesquisa Agropecuária, liderado pela EMBRAPA, 34 novas variedades

de feijão, 15 de arroz de sequeiro e 35 de arroz irrigado.

Para comprovar o progresso tecnológico ocorrido, foram coletados dados para o arroz e feijão, num período de 35 anos (1960-95). Estimaram-se taxas de crescimento da produção e de suas principais fontes: área cultivada e rendimento por hectare, ajustados com base em médias móveis trianuais.

Na Tabela 1, são apresentadas taxas de crescimento anuais da produção para a cultura do arroz. Os resultados comprovam que até 1976 o principal fator de crescimento foi o aumento da área cultivada, com diminuição de rendimento. A partir daquela data, a produtividade torna-se o fator único que impulsiona a produção, enquanto a área decresce consideravelmente. Para o período como um todo (1961-94), a produção cresce a uma taxa anual de 2,16%, sendo a área cultivada responsável por 0,98% e o aumento do rendimento por 1,19% a.a. Nos últimos cinco anos, a produtividade cresce de 3,29% a.a., enquanto a área decresce -2,28% a.a.

Com pequenas diferenças nos valores, o mesmo fenômeno se repete no caso do feijão (Tabela 2). Num período inicial até 1975, há fortes perdas no rendimento (-6,77% a.a. entre 1970/75), mas aumentos compensatórios em área. A área continua a crescer até fins da década de 1980, porém com participação crescente da produtividade. No período como um todo, a taxa de crescimento da produção é inferior ao

crescimento populacional, devendo-se aquele aumento ser atribuído exclusivamente à elevação da área cultivada. Em período mais recente (1989/94), porém, a área cultivada diminui em -1,10% a.a., ao passo que o rendimento eleva-se em 4,63% a.a.

Tabela 1
TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO DA
PRODUÇÃO DE ARROZ
(Em % a.a.)

Período de Análise	Produção	Fontes de Crescimento	
		Área	Rendimento
1961/94	2,16	0,98	1,19
1961/70	3,00	4,60	-1,61
1971/75	2,55	3,34	-0,78
1976/94	1,03	-1,66	2,69
1980/94	1,59	-2,04	3,62
1985/94	1,29	-1,92	3,21
1989/94	1,06	-2,28	3,29

Fonte: Dados brutos IBGE.

Elaboração: EMBRAPA.

Obs.: Calculado a partir de médias móveis trianuais.

Tabela 2
TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO DA
PRODUÇÃO DE FEIJÃO
(Em % a.a.)

Período de Análise	Produção	Fontes de Crescimento	
		Área	Rendimento
1961/94	1,63	1,92	-0,29
1961/70	3,55	3,89	-0,33
1971/75	-4,28	2,50	-6,77
1976/94	1,80	0,83	0,97
1980/94	2,23	0,48	1,75
1985/94	2,03	-0,85	2,88
1989/94	3,55	-1,10	4,63

Fonte: Dados brutos IBGE.

Elaboração: EMBRAPA.

Obs.: Calculado a partir de médias móveis trianuais.

(1) Presidente da EMBRAPA.

Como explicar esse comportamento de modernização das duas culturas ditas mais tradicionais e atrasadas do País? A hipótese que defendemos realça a contribuição da geração de tecnologias por parte de instituições de pesquisa e a sua incorporação pelos produtores rurais. Quanto ao arroz, destacam-se o lançamento de novas variedades, mais produtivas, a utilização de fertilizantes e práticas culturais adequadas, aliadas à irrigação, particularmente no Sul do País. A diminuição de áreas deve-se, presumivelmente, ao esgotamento do modelo de incorporação de cerrados ao processo produtivo por meio do plantio de arroz, para posterior implantação de pastagens. A introdução da soja, em larga escala, altera profundamente aquele sistema.

Embora mais tardiamente, o feijão também passa a se beneficiar de sementes melhoradas – ainda em índices baixos –, do uso de fertilizantes e outras tecnologias de manejo que elevam a produtividade. Adicionalmente, a introdução de irrigação, por meio de pivôs centrais em várias partes do País, permitiu a elevação da produtividade da cultura nessas áreas. Além disso, regularizou a oferta do produto no mercado, minimizando os efeitos de mudanças de preços nos períodos de entressafras. Isso permitiu renda adicional aos produtores que não plantavam feijão nos períodos secos, como aconteceu no Centro-Oeste, e preços mais acessíveis aos consumidores, principalmente os de baixa renda.

Os recentes progressos ocorridos nessas duas culturas atestam que, no passado, foram tomadas decisões

corretas quanto ao apoio na geração de tecnologias e sua difusão. Instituições de ciência e tecnologia levam algum tempo para gerarem tecnologias, mas trazem benefícios enormes para produtores e consumidores.

Se bons progressos foram feitos, há um vasto caminho a percorrer ainda. A média da produtividade nacional do arroz (1993) situava-se em 2.313 kg/ha, muito abaixo da média norte-americana, chinesa e indonesiana, inclusive abaixo em mais de 1.000 kg/ha em relação à média mundial. Com o feijão, nossa produtividade média alcançava, em 1993, 614 kg/ha, pouco abaixo da média mundial, mas muito aquém da obtida pelos Estados Unidos, Indonésia e China.

Na verdade, a tecnologia disponível na EMBRAPA para o arroz e feijão, desde há bastante tempo, permite desempenhos melhores do que esse. Mas é preciso ter-se em mente que, por melhor que seja o potencial produtivo de uma tecnologia, sempre transcorrerá um razoável espaço de tempo até que o mercado consiga adotá-la e obter um desempenho à altura desse potencial.

A extensão desse prazo depende de fatores estruturais e conjunturais, que o pesquisador não controla, tais como as ocorrências climáticas verificadas, o quanto os preços foram ou não estimulantes, a oferta de insumos, as políticas setoriais e macroeconômicas, e assim por diante, que sempre determinam o ritmo da adoção de tecnologias. Por isso é que não se devem postergar decisões em termos de políticas tecnológicas.

Portanto, mais esforços se fazem necessários para que nossa agricultura

caminhe no rumo da modernidade. Pesquisas biológicas e de natureza organizacional poderão contribuir em muito para que se obtenha ganhos em produtividade, garantindo maior rentabilidade para o setor e abastecimento para os consumidores. Mesmo em época de abertura comercial que defendemos, o País não pode ficar potencialmente vulnerável em face de um relativo mercado restrito em nível mundial, como é o caso do feijão. A estabilização econômica, grande meta do Governo Fernando Henrique Cardoso, depende também de um abastecimento regular da dobradinha "feijão com arroz".

Adicionalmente, ressalte-se que a competitividade dessas duas culturas não demanda subsídios indiscriminados, mas uma política macroeconômica eficaz, sistema de impostos semelhantes aos dos nossos competidores, salvaguardas contra competição desleal de concorrentes e, por fim, um eficiente sistema de infra-estrutura física, como transporte e armazenamento.

Fundamental também é garantir uma oferta tecnológica capaz de elevar a produtividade e rentabilidade das culturas. A EMBRAPA, com a coordenação do Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão, e com o apoio de outras instituições de pesquisa espalhadas de norte a sul e de leste a oeste do País, tem como missão garantir tecnologias para os dois produtos.

Em resumo, políticas governamentais adequadas, tecnologias eficientes e principalmente o denodo do nosso agricultor em produzir alimentos, esses fatores garantirão a clássica "festa diária" do feijão com arroz na mesa do brasileiro.